

---

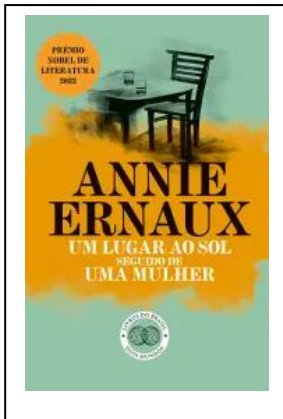
## [Um lugar ao sol seguido de Uma mulher] [Annie Ernaux]



### [Annie Ernaux] Biografia:

Annie Ernaux nasceu em Lillebonne, na Normandia, em 1940, e estudou nas universidades de Rouen e de Bordéus, sendo formada em Letras Modernas. É atualmente uma das vozes mais importantes da literatura francesa, destacando-se por uma escrita onde se fundem a autobiografia e a sociologia, a memória e a história dos eventos recentes. Galardoada com o Prémio de Língua Francesa (2008), o Prémio Marguerite Yourcenar (2017), o Prémio Formentor de las Letras (2019) e o Prémio Prince Pierre do Mónaco (2021) pelo conjunto da sua obra, destacam-se os seus livros *Um Lugar ao Sol* (1984), vencedor do Prémio Renaudot, e *Os Anos* (2008), vencedor do Prémio Marguerite Duras e finalista do Prémio Man Booker Internacional. Em 2022, Annie Ernaux foi distinguida com o Prémio Nobel de Literatura.

### Sinopse de [Um lugar ao sol seguido de Uma mulher]



*Dois meses depois de passar nos exames finais para se tornar professora, o pai de Annie Ernaux morreu. Revisitando a memória da sua vida, no que ela teve de mais particular, repleta de confiança no trabalho árduo e igual dose de sonhos frustrados, complexos de inferioridade e vergonha, uma filha procura preencher um vazio que é seu, traçando em simultâneo um retrato coletivo sobre uma época, um meio social, uma ligação familiar. Pouco depois, também a mãe desapareceu, após uma doença prolongada que lhe arrasou a existência, intelectual e física, e mais uma vez cabe à filha restaurar, através da palavra escrita, a sua presença na história. Neste volume reúnem-se os dois textos de Annie Ernaux sobre estas perdas: *Um Lugar ao Sol*, sobre o pai, publicado em 1984 e vencedor do Prémio Renaudot, e *Uma Mulher*, sobre a mãe, lançado em 1988. Duas peças literárias fulgurantes, misto de biografia, sociologia e história, onde resplandece a ambivalência dos sentimentos que unem filhos e pais e o impacto da quebra desse elo vital.*

Jornal SOL

10 de outubro 2022 às 12:16 [Diogo Vaz Pinto](#)

## Annie Ernaux. A crueldade necessária para mudar de vida

A escritora francesa de 82 anos, que se descreveu como ‘uma etnóloga de si mesma’, tornou-se na passada quinta-feira o primeiro autor cujo registo primordial é o das memórias a ganhar o prémio Nobel da Literatura, sinalizando a forma como este género, nas suas múltiplas derivações, se tem vindo a impor ao romance.



Ter as lembranças em ordem é bem mais difícil do que parece. Obrigada, desde logo, a reaver um conjunto de experiências a partir desse pó que se levanta de um momento vivido e que, assim que o tentamos absorver, se vê dominado por um sopro, forçando uma interpretação limitada das coisas. Chegar ao fundo das experiências, mesmo das mais íntimas, compreender a verdadeira articulação e o sentido daquilo que se viveu, daquilo que marcou um período das nossas vidas, pode tornar-se uma ambição excessiva. Na maioria dos casos, os romancistas limitam-se a um tráfico de sensações, a lançar um seixo que saltita pela superfície das coisas sem nunca chegar a afundar-se e a revelar algo de mais profundo sobre o mundo em que vivemos ou a própria condição humana. Vão arredondando o horizonte que os rodeia, lançam sobre o

conjunto de circunstâncias que identificamos como características do nosso tempo o véu dos lugares-comuns, a fim de que o rosto do real nos pareça amenizado. Mas e se o romance, de súbito, se desobrigasse de uma série de condicionalismos, redefinisse os seus valores, se impusesse uma responsabilidade social absolutamente comprometida e em conflito com uma era embriagada pela sua lógica implacável? Esta quinta-feira, ao ser-lhe anunciado que tinha sido galardoada com o mais prestigiado dos prémios literários, a escritora francesa mostrou-se surpreendida primeiro, e logo depois frisou que se tratava de “uma grande responsabilidade”, a de “testemunhar com rigor e justiça em relação ao mundo”.

No anúncio feito em Estocolmo, o secretário permanente da Academia Sueca, Mats Malm, venceu que a escolha do júri quis distinguir a autora de 82 anos pela “coragem e agudeza clínica com que põe a descoberto as raízes, os efeitos de alienação e os constrangimentos coletivos da memória pessoal”. Ernaux é a primeira mulher francesa a vencer o prémio – juntando-se a uma galeria de 15 homens –, e é apenas a 17.<sup>a</sup> escritora, em 121 anos, a receber o galardão. “Ernaux examina, de forma consistente e a partir de diferentes ângulos, uma vida marcada por fortes disparidades de género, língua e classe. O seu caminho para a autoria foi longo e árduo”, nota o comunicado do júri assinado pelo poeta e crítico literário Anders Olsson, que adianta que “a ambição de rasgar o véu da ficção a levou a uma reconstrução metódica do passado, mas também a uma tentativa de escrever um tipo ‘cru’ de prosa na forma de diário, registando acontecimentos puramente externos”. A justificação, como notava o *El País*, parece saída da boca da própria Ernaux, que sempre defendeu que a literatura deve atuar como uma punção, cabendo ao escritor aperfeiçoar-se no uso do bisturi, operar o corpo de um paciente que, muitas vezes, não é ninguém senão ele mesmo, de forma a chegar ao fundo de uma determinada questão.

Não se trata de remover algum tumor, de lidar com certos traumas pessoais, não há uma proposta terapêutica, mas antes um compromisso com a verdade, assumido com uma tal seriedade que, muitas vezes, os livros de Ernaux parecem escavações que compõem o quadro da sua própria degradação. Como escreveu Françoise Sagan, “na nossa época, para um espírito agudo, o ridículo, ‘ser ridicularizado’, é qualquer coisa de sublime”. A literatura deve assumir uma posição desequilibrada, “procurando a queda como quem procura um repouso”, enfrentando essa desilusão imensa de todos os homens, a perda da ilusão de não ser o centro de coisa nenhuma, de tal modo que mesmo as nossas recordações mais íntimas não são outra coisa senão um ponto de acesso à trama geral, à experiência coletiva. Porque só um consolo saber que não se é único depois de essa ter sido uma terrível e secreta aspiração. Depois de se ter sobrevivido a essa afronta. Tendo publicado a sua primeira novela em 1974, uma década depois Ernaux deixaria cair o leve véu de ficção entre o que escrevia e aquilo que tinha vivido, passando a assumir a herança do materialismo sociológico de Pierre Bourdieu. O resultado foi uma obra que deixa claro como a imaginação e a recordação utilizam processos bastante similares, e, ao longo das décadas seguintes, explorou essa condição de ridículo que demonstra os aspetos em que não é mais possível traçar uma fronteira entre o individual e o coletivo, numa abordagem em que a história e a sociologia são tão instrutivas como as memórias pessoais. Indicativa disto mesmo é a epígrafe de Ortega y Gasset num dos seus livros mais célebres, *Os Anos*, a qual serve como um território de inscrição para o resto da sua obra: “A única história que temos é a nossa, e ela não nos pertence.” Se o júri do Nobel parece ter-se simplesmente rendido à proposta literária de Ernaux, o comunicado sublinhava como já lhe chamaram “a primeira autobiografia

coletiva” e que o poeta Durs Grünbein o classificou como um “épico sociológico” revolucionário sobre o Ocidente contemporâneo.

Trazer a memória para o centro da análise da realidade não é escolha inocente. No fundo, a obra de Annier Ernaux foca-se na perda da inocência de uma ilusão após a outra, e não é outra coisa senão um exercício voltado para o abandono dessas noções a que nos agarramos como a um corrimão quando construímos a nossa narrativa pessoal. É fácil assumir que o prémio Nobel cedeu à pressão de todas essas propostas inscritas no regime da autoficção, um subgénero que, se deve tanta da sua popularidade à obra de Ernaux, ela mesma passou a vida a renegá-lo, recusando qualquer leitura que encerre a sua obra no campo da mera biografia. Ora, a forma como se demarca dessa forma de pornografia em que o “eu” se propõe sempre como o eixo de uma série de desgraças, a grande vítima, exigindo menos uma admiração pela sua arquitectura narrativa e pela capacidade de investigar a fundo este ou aquele fenómeno humano, e mais uma espécie de piedade demonstra apenas o lado pernicioso de uma cultura ao serviço da exposição e da forma mais degradada de heroísmo que se podia conceber. Vale a pena lembrar, a este propósito, as palavras de Sagan, autora francesa que Ernaux assume ter devorado às escondidas. “Boa literatura é aquela em que não pensamos no autor. Infelizmente, a moda é o oposto. Quando lemos “Os Irmãos Karamazov”, não pensamos em Dostoievski. Este é o grande defeito da literatura actual: os escritores querem desenhar-se a si mesmos, em vez de desenhar os seus heróis. É pretensioso e lamentável. É bem mais visível nos homens agora. Se a escritora pensa em si mesma, isso transparece. Se gosta de escrever, não pensa em si mesma. Simplesmente não pensa. Quando os escritores eram anónimos, a literatura era muito mais viva; agora, os escritores estão sempre a tentar falar de si nas suas obras. Muitas vezes é algo narcisista. É muito mais interessante ler um livro em que o escritor se expressa por meio de heróis, em que não haja essa preocupação complacente. Agora, a personagem do escritor é mais importante do que a das suas personagens. As pessoas lembram-se melhor de mim do que das minhas personagens.”

Também Javier Marías foi muito crítico deste subgénero, e nunca se cansou de atacar esse regime de identificação que permite a todos conduzir algum processo de denúncia e invadirem a literatura com as suas pretensões de teor mais político ou social. “Que a vida está cheia de agruras já estou cansado de saber. Não preciso que me venha cada um de vocês relatar as suas pormenorizadamente. Mas reconheço que sou um caso isolado, porque é evidente que não se escreveriam tantos livros destes se não houvesse uma enorme procura. Creio é que isto se deve à necessidade imperiosa e constante de muitos contemporâneos – chega a ser uma um vício ou uma dependência – de se sentirem bem consigo mesmos, de se apiadarem em abstrato, de ler injustiças e agravos e pensar do autor ou narrador: ‘Pobrezinho ou pobrezita, quanta empatia sinto por eles, porque, afinal, sou tão boa pessoa’. E isto ao mesmo que pensam daqueles que lhes arruinaram a infância ou a própria existência: ‘Que sacanas, que cruéis, que horror’.”

E convém recordar que se a invenção do romance foi um passo artístico tão audacioso e desafiador das convenções isso se deve a uma forma plena e radical de liberdade que este oferece ao autor, o de criar um reflexo do mundo, uma visão tanto quanto possível autónoma e, por isso mesmo, capaz de estabelecer um paralelo e formular uma crítica que depende acima de tudo de conseguir estabelecer um território em que se suspende o juízo moral. Como lembra Milan Kundera, “suspender o juízo moral não é a imoralidade do romance, é a sua moral. A moral que se opõe à inextirpável prática humana de julgar imediatamente, sem parar, de julgar tudo e todos, de julgar sempre seguindo em frente e sem compreender. Esta fervorosa disponibilidade

para julgar é, do ponto de vista da sabedoria do romance, a mais detestável estupidez, o mais pernicioso dos males. (...) A criação do campo imaginário em que o juízo moral fica suspenso foi um feito de um alcance imenso: só aí podem desabrochar as personagens romanescas, a saber, indivíduos concebidos não em função de uma verdade preexistente, enquanto exemplos do bem e do mal, ou enquanto representações de leis objetivas que se afrontam, mas enquanto seres humanos autónomos que se baseiam na sua própria moral, nas suas próprias leis.”

Tendo isto por base, é evidente que a proposta literária de Annie Ernaux vira as suas costas à tradição do romance herdada do século XIX, essa estética hoje ameaçada antes de tudo pela perda de leitores, essa que mantém o seu prestígio, mas que é mais como uma peça de museu, e que nos obriga a inclinarmo-nos perante o génio de Balzac, que montou a sua complexa urdidura de um género que elevou os efeitos do jornalismo a um artifício estupendo, a uma ficção soberana capaz de capturar uma visão do mundo, seduzindo de tal modo os leitores que se afirmou com uma força social imensa, dotada de um poder de sedução hipnótico, comparável àquele que viria a assumir o cinema no século seguinte. Mas há muito que esta estética entrou em crise, e ainda que mantenha excelentes cultores, poucos foram capazes de ultrapassar as críticas que lhe foram feitas no início do século XX, podendo dizer-se que o que resta do romance são algumas resistências tão admiráveis e, ao mesmo tempo, reaccionárias. Recordemos que na crítica de André Breton ao romance, que ele qualificava como um género inferior, foram alinhados esses sintomas de uma arte que se deixou dominar por uma série de convenções desgastantes, as quais ao invés de repensar a ilusão da realidade, se limitam a imitá-la, a propor uma relação “inutilmente particular” com os acontecimentos a partir de um mesmo sistema em que tudo se solve num regime de aparências, com o estilo a ser o da “informação pura e simples”.

Ora, Annie Ernaux parece desejar que o romance possa uma vez mais retomar a influência que há muito perdeu, como um instrumento de recusa e contestação de uma visão do mundo que hoje nos é imposta pelo regime tão difuso e disseminado da propaganda ideológica que remete para uma visão de progresso sem fim à vista. Não se trata já de impor um certo juízo moral através de romance, mas de fazer dele um território onde se suspende essa forma de catecismo transversal, esse ambiente em que o homem vê a sua vida traduzida em dados estatísticos, e em que a rapidez se impõe como o valor supremo do mundo embriagado pela técnica, pela litania do consumo, pelo regime da produção intensiva, por modelos de sociedade em que a política é substituída por metas imperiosas prosseguidas por uma burocracia opaca e omnipresente.

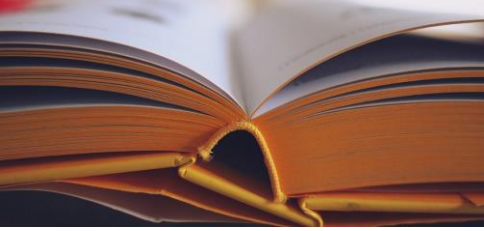
Leia-se uma passagem de *Os Anos*, bastante instrutiva a este respeito. “A cada instante, a par daquilo que as pessoas consideram ser natural que se faça e se diga, apar do que se julga certo pensar, quer seja através dos livros, dos cartazes no metro ou de histórias engraçadas, existem também todas as coisas sobre as quais a sociedade passa em silêncio sem ter consciência disso, votando a um mal-estar solitário todas e todos aqueles que se apercebem dessas coisas sem as poderem nomear. Silêncio que um dia se quebra, de repente ou a pouco e pouco, e então as palavras emergem sobre as coisas, mostrando-se, enquanto por baixo outros silêncios começam a tomar forma.”

Annie Ernaux parece reconhecer que para que o homem possa uma vez mais exercer o privilégio da invenção e contar histórias em que a imaginação consiga realmente exercer algum fascínio através da sua margem de diferença e autonomia face à realidade, para isso é necessário

primeiro que os homens resgatem a sua capacidade de se representarem a si mesmos, livres da peçonha dessa moral que tomou conta de tudo. Neste momento crítico, deve admitir-se que a estética do romance herdada do passado se tenha tornado uma forma incompetente e inábil para lidar com uma época que enfrenta como um dos seus mais sérios desafios o recuo da realidade, a perda desses marcadores epocais que nos permitem assumir certas experiências como algo de que temos em comum. Talvez Ernaux se tenha dado conta de que para que o “romance possa ainda fazer concorrência ao registo civil” (para citar a célebre divisa de Balzac, é preciso que a memória reganhe o seu poder de articulação sobre as conveniências formais em que nos absorve a arrasadora máquina burocrática do mundo contemporâneo. “Quanto maior era a nossa imersão naquilo que dizíamos ser a realidade, o trabalho, a família, maior era a sensação de irrealidade”, escreve Ernaux. E noutro momento adianta: “A profusão das coisas escondia a escassez das ideias e o desgaste das crenças.”

E, então, que se danem os personagens, os grandes elementos de composição romanesca, as descrições plangentes, que se suspendam as convenções sobre as convenções que seguram o efeito dessa psicologia enfadonha que caracteriza o espaço íntimo das vidas irreais. Numa dada época, a memória pode ter-se tornado o elemento essencial para se tentar recuperar uma ideia de realidade quanto esta entrou num processo de acelerada erosão. O problema é que não basta manter assiduamente um diário e anotar todos os acontecimentos, uma vez que, como notou Kundera, um dia, ao reler as notas, compreenderemos que não conseguimos evocar uma única imagem concreta. “E pior ainda: que a imaginação não é capaz de vir em auxílio da nossa memória e de reconstruir o esquecido. Porque o presente, o concreto do presente, enquanto fenómeno a examinar, enquanto estrutura, é para nós um planeta desconhecido; portanto não sabemos nem conservá-lo na nossa memória nem reconstruí-lo pela imaginação. Morremos sem saber o que vivemos.”

É nesta encruzilhada que a autora francesa, agora distinguida com o prémio Nobel (e é muito difícil acreditar que a Academia Sueca a escolhesse, fossem outras as condições no que respeita as tensões sociais que invadiram e se impuseram no campo cultural), assume uma intervenção exemplar e que passa por encontrar espaço para corroer certos bloqueios, certos tabus, abrir espaço para novas narrativas possam emergir. Trata-se de uma mulher nascida em 1940, em Lillebonne, uma pequena povoação na Normandia, e que cresceu no meio operário. Foi a primeira pessoa da sua família a fazer estudos superiores, e, depois, de escapar do mundo precário e da pobreza que conheceu na infância, de ter casado bem, com um homem que lhe permitiu ascender à condição burguesa, não deixou de olhar para trás. “Muitas vezes, lembra-se de cenas da sua infância, da mãe a gritar-lhe *mais tarde vais cuspir-nos na cara*”... Noutro momento do mesmo romance escreve: “Também sente que já nada tem a ver com o mundo do trabalho que era o da sua infância, com o pequeno comércio dos seus pais. Passou para o outro lado, mas de quê não sabe dizer, atrás de si a vida é constituída por imagens sem elos de ligação. Sente que não pertence a lugar nenhum, a não ser ao do conhecimento e da literatura.” Mais à frente, Ernaux reivindica as “recordações da sua excelência escolar e da sua inferioridade social – o que não é visível nas fotografias –, tudo o que fez desaparecer por vergonha e que mereceria agora ser reencontrado e desdobrado à luz da inteligência”. E define da forma menos enfático possível uma espécie de programa que irá levar a cabo em toda a sua obra: “À medida que a sua memória se despe da humilhação, o futuro é de novo um campo onde agir.”



Esta é assim uma obra que procura abrir brechas para que outros passem, é uma obra que avança na mesma medida em que se supera toda a humilhação, esses determinismos e relações de dominação herdados, é uma obra daquele que a meio do caminho da sua vida assume a sua crise, esse momento de trevas, e se absolve de todos os “pecados” que possa ter de cometer para se libertar da condição à qual sente que foi conduzido. “Acordadas do torpor conjugal, sentadas no chão por baixo de um cartaz onde se podia ler *Uma mulher sem homens é como um peixe sem bicicleta*, percorríamos as nossas vidas retrospectivamente, sentíamos-nos capazes de deixar marido e filhos, de nos desligarmos de tudo e de escrever com crueldade.” Afinal, mudar de vida, transformar o mundo, nem que seja só afetando uma arte tão estimada como é a do romance, tem um preço, e não é possível sem rebentar com muitas convenções tão preciosas. A libertação não se consegue sem uma grande dose de perda, sem se cair muitas vezes no ridículo. Mas, e sobretudo, uma obra como a de Annie Ernaux, com a sua “aparente frieza, ou mesmo insipidez”, como notou um crítico, é tão forte porque nos lembra que há alturas em que o melhor que pode fazer a arte é lembrar-nos das nossas mais íntimas aspirações, e como essas não são apenas pessoais, mas exprimem uma urgência coletiva. Face a essa consciência “as vergonhas de antigamente já não faziam sentido. A culpabilidade era ridicularizada: somos todos judaico-cretinos”.

# Livro de Annie Ernaux sobre morte dos pais reeditado depois de 20 anos esgotado

**“Um Lugar ao Sol seguido de Uma Mulher”, obra conjunta de dois textos de Annie Ernaux, em que a autora dissecas as mortes dos pais, volta a estar disponível no final deste mês, depois de 20 anos esgotada.**

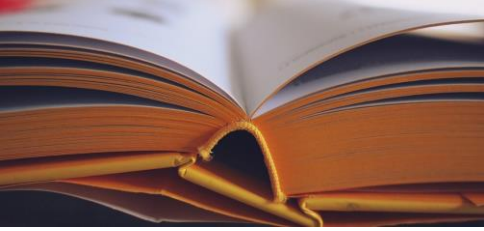


Esta republicação de uma das obras mais emblemáticas da mais recente Prémio Nobel da Literatura decorre no dia 30 de novembro, pela Coleção Dois Mundos, da Livros do Brasil, editora que publicou anteriormente “Os Anos” e “O Acontecimento”.

A obra aborda duas mortes, “infinidamente marcantes, digeridas pela autora através da escrita”, a primeira, publicada em 1984 e vencedora do Prémio Renaudot, sobre a perda do pai, e a segunda, lançada quatro anos depois, sobre a mãe.

Dois meses depois de passar nos exames finais para se tornar professora, o pai de Annie Ernaux morreu. Revisitando a memória da sua vida, no que ela teve de mais particular, repleta de confiança no trabalho árduo e igual dose de sonhos frustrados, complexos de inferioridade e





vergonha, a filha procura preencher um vazio, traçando em simultâneo um retrato coletivo sobre uma época, um meio social e uma ligação familiar.

Sobre este livro, a autora confessou que talvez o tivesse escrito, porque ela e o pai não tinham nada para dizer um ao outro.

Pouco depois, também a mãe desapareceu, após uma doença prolongada que lhe arrasou a existência, intelectual e física, e mais uma vez coube à filha restaurar, através da palavra escrita, a sua presença na História.

Sobre aquela que considera ter sido “a única mulher que contou verdadeiramente”, Annie Ernaux confessou: “Parece-me que agora escrevo sobre a minha mãe para, por minha vez, a trazer ao mundo”.

“Um Lugar ao Sol seguido de Uma Mulher” são “peças literárias fulgurantes, misto de biografia, sociologia e história, onde resplandece a ambivalência dos sentimentos que unem filhos e pais e o impacto doloroso da quebra desse elo vital”, descreve a editora.

A Coleção Dois Mundos lançou também recentemente uma nova edição do romance “Uma Paixão Simples”, que já tinha saído no ano passado pela Coleção Miniatura.

Publicado originalmente em 1991, “Uma paixão simples” surpreendeu o panorama literário francês, quebrando os estereótipos do romance sentimental pelo seu erotismo e pela sua honestidade. Esta obra foi adaptada ao cinema em 2020 por Danielle Arbid, num filme já exibido em Portugal.

Neste romance há, de um lado, uma mulher culta, independente, divorciada e já com filhos adultos e, do outro, um homem casado, estrangeiro, mais jovem, por quem ela perde completamente a cabeça, e por quem espera, dia após dia.

O tema pode parecer trivial, mas não o é, de todo, o modo como são narrados os dois anos em que dura esta “paixão simples”.

No seu “estilo frontal, acutilante, despido de vergonhas e julgamentos, Annie Ernaux desfoca a linha ténue entre ficção e autobiografia e põe na voz da narradora as confidências da história de uma relação que toma conta de tudo, que extasia e rebaixa, fonte da maior felicidade e da mais dolorosa solidão”, escreve a editora.

Nascida em Lillebonne, na Normandia, em 1940, Annie Ernaux estudou nas universidades de Rouen e de Bordéus, sendo formada em Letras Modernas. Atualmente é considerada uma das vozes mais importantes da literatura francesa, destacando-se por uma escrita onde se fundem a autobiografia e a sociologia, a memória e a história dos eventos recentes.

Galardoada com o Prémio de Língua Francesa (2008), o Prémio Marguerite Yourcenar (2017), o Prémio Formentor de las Letras (2019) e o Prémio Prince Pierre do Mónaco (2021) pelo conjunto da sua obra, destacam-se os seus livros “Um lugar ao sol” (1984), vencedor do Prémio Renaudot, e “Os anos” (2008), vencedor do Prémio Marguerite Duras e finalista do Prémio Man Booker Internacional.

Em 2022, Annie Ernaux foi distinguida com o Prémio Nobel de Literatura.



Annie Ernaux foi distinguida em 2022 com o Nobel da Literatura - Foto Catherine Hélie/Gallimard

## Leitura da Semana: Um Lugar ao Sol seguido de Uma Mulher, de Annie Ernaux | Por Paulo Serra

[09:28 5 Janeiro, 2023](#) | [POSTAL](#)

*Na primeira semana do ano, Paulo Serra convida a ler uma obra que reúne dois textos de Annie Ernaux, premiada este ano com o Nobel da Literatura, sobre a perda dos pais. Um Lugar ao Sol, sobre o pai, foi publicado em 1984 e vencedor do Prémio Renaudot, e Uma Mulher, sobre a mãe, foi lançado quatro anos depois*

*Um Lugar ao Sol seguido de Uma Mulher, de Annie Ernaux, volta a estar disponível no mercado português, depois de esgotado há 20 anos. Comprova-se também a qualidade das publicações e reedições da Livros do Brasil.*

Este livro, com tradução de Eduardo Saló, reúne os dois textos de Annie Ernaux, premiada este ano com o Nobel da Literatura, sobre a perda dos pais. *Um Lugar ao Sol*, sobre o pai, foi publicado em 1984 e vencedor do Prémio Renaudot, e *Uma Mulher*, sobre a mãe, foi lançado quatro anos depois.

Como normalmente faço, li o livro antes ainda de olhar para a sinopse. O tom é autobiográfico, narrado na primeira pessoa, e as duas histórias encaixavam, pelo que não foi surpreendente quando li que se tratavam de textos pessoais.

*Um Lugar ao Sol* inicia quando a autora passa nos exames finais para se tornar professora. Dois meses depois, o pai morre. Mais do que uma coincidência, há aqui uma estranha sincronia, uma vez que, ao longo da sua memória, se torna nítida a luta constante entre a condição da classe de que a autora provém, a que o pai se sabe votado, e o destino para o qual impele a filha. O que é peculiar nestas narrativas é como, a um tempo, se entrelaça a memória agridoce de um afecto que se tornou cada vez mais ambíguo e uma condição familiar da qual a autora se sente ter-se distanciado cada vez mais, conforme se tornou, com os estudos e depois com o casamento, uma burguesa. Da mesma forma, afinal, que em tempos os pais se esforçaram por deixar se ser operários para se tornarem pequenos comerciantes. Note-se como um dos motivos de cólera do pai é ver alguém a ler um livro... mas é também ele o primeiro a impelir a filha a estudar... Ainda que, aos olhos do pai, saber a filha aos 20 anos nos bancos da escola tenha algo de bizarro, de irreal...

É também pela linguagem que a clivagem social entre pai e filha se tornará mais nítida.

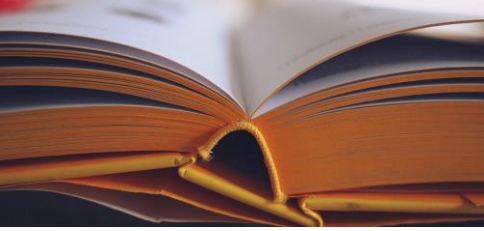
“Eu talvez escreva porque não tínhamos nada para dizer um ao outro.” (p. 59)

No fim, o seu maior feito talvez seja conseguir que a filha passasse a pertencer ao mundo que o rejeitou.



*Obra volta a estar disponível no mercado português, depois de esgotado há 20 anos*

*Uma Mulher* inicia com a morte da mãe, dois anos depois de ter sido internada num lar, com demência. Escrever sobre a mãe, revisitar a sua memória, torna-se mais difícil, pois para a autora ela era apenas uma figura sólida sempre presente, sem história.



“Parece-me agora que escrevo sobre a minha mãe para, por minha vez, a trazer ao mundo.” (p. 105)

A relação com a mãe é ainda mais complexa e violenta do que com o pai. Oscilando entre os excessos de ternura ou o querer proporcionar tudo o que não teve, e a censura ou a violência, encarando a filha como uma inimiga de classe.

Em 1979, a mãe é atropelada e embora pareça recuperar bem, inicia-se um processo de decadência e doença prolongada.

Diz-nos a autora que durante os dez meses de escrita desta narrativa sonhou quase todas as noites com a mãe.

Como é usual na escrita da autora, “Isto não é uma biografia, nem um romance”, “talvez algo entre a literatura, a sociologia e a história” (pág. 145).

Annie Ernaux nasceu em Lillebonne, na Normandia, em 1940, e estudou nas universidades de Rouen e de Bordéus, sendo formada em Letras Modernas. É atualmente uma das vozes mais importantes da literatura francesa, destacando-se por uma escrita onde se fundem a autobiografia e a sociologia, a memória e a história dos eventos recentes. Galardoada com o Prémio de Língua Francesa (2008), o Prémio Marguerite Yourcenar (2017), o Prémio Formentor de las Letras (2019) e o Prémio Prince Pierre do Mónaco (2021) pelo conjunto da sua obra, destacam-se os seus livros *Um Lugar ao Sol* (1984), vencedor do Prémio Renaudot, e *Os Anos* (2008), vencedor do Prémio Marguerite Duras e finalista do Prémio Man Booker Internacional. Em 2022, Annie Ernaux foi distinguida com o Prémio Nobel de Literatura.

## Nobel da Literatura atribuído à francesa Annie Ernaux

Escritora francesa, autora de "Os anos" e "O acontecimento", ambos publicados este ano em Portugal, sucede a Abdulrazak Gurnah.



**DN 06 Outubro 2022 — 13:25**

O Prémio Nobel da Literatura foi esta quinta-feira atribuído à francesa Annie Ernaux, "pela coragem e acuidade clínica com que descortina as raízes, as estranhezas e os constrangimentos coletivos da memória pessoal".

"Na sua escrita, Ernaux, de forma consistente e a partir de diferentes ângulos, examina uma vida marcada por fortes disparidades de género, idiomas e classes. O seu caminho enquanto autora foi longo e árduo", pode ler-se no [portal dos prémios Nobel](#).

Ernaux considerou que é "uma grande responsabilidade" receber o prémio Nobel, como demonstração de uma forma de "verdade, de justiça em relação ao mundo".

A escritora francesa, 82 anos, reagiu à atribuição do prémio em declarações à televisão sueca SVT, pouco depois de a Academia Sueca ter anunciado o seu nome e ter admitido que não tinha conseguido contactá-la antecipadamente.

Autora de "Os Anos" e "Uma Paixão Simples", Annie Ernaux, nome sempre falado para os principais prémios literários, regressou à primeira linha das possíveis escolhas para o Nobel da Literatura, exatamente após a publicação do seu romance "L'événement"/ "O Acontecimento", baseado na sua própria experiência.

A obra narra a angústia de uma jovem estudante obrigada a um aborto clandestino, em França, em 1964, 11 anos antes da despenalização no país.

Adaptado ao cinema pela realizadora francesa Audrey Diwan, o filme, de título homónimo, venceu o Leão de Ouro de melhor filme, o prémio máximo do Festival Internacional de Cinema de Veneza, em 2021.

A escritora, em Portugal, é atualmente publicada pelo grupo Porto Editora.



Nascida em Lillebonne, na Normandia, em 1940, Annie Ernaux formou-se em Letras Modernas nas universidades de Rouen e de Bordéus.

A editora portuguesa da escritora define-a como "uma das vozes mais importantes da literatura francesa", na atualidade, "destacando-se por uma escrita na qual se fundem a autobiografia e a sociologia, a memória e a história dos eventos recentes".

Foi distinguida com o Prémio de Língua Francesa (2008), o Prémio Marguerite Yourcenar (2017), o Prémio Formentor de las Letras (2019) e o Prémio Prince Pierre do Mónaco (2021) pelo conjunto da obra.

"Um Lugar ao Sol" (1984), vencedor do Prémio Renaudot, e "Os Anos" (2008), vencedor do Prémio Marguerite Duras e finalista do Prémio Man Booker Internacional, estão entre os seus mais conhecidos títulos.

Em Portugal foram publicados "O lugar", pela editora Fragmentos, em 1987, "Os anos", numa nova edição dos Livros do Brasil, em 2020, assim como "Uma paixão simples", que surgiram em Portugal ainda na década de 1990.

"O Acontecimento" prosseguiu este ano a publicação da obra de Annie Ernaux, nesta chancela da Porto Editora.

Ernaux encontrava-se entre os principais candidatos ao Prémio Nobel da Literatura de 2022, de acordo com as apostas feitas durante a última semana, surgindo muito perto do francês Michel Houellebecq e da canadiana Anne Carson.

No anúncio do Nobel, o secretário da Academia Sueca indicou que, até ao momento do anúncio, ainda não fora possível contactar a escritora francesa, para lhe comunicar a atribuição do prémio.

Ernaux é a 17.<sup>a</sup> mulher a ganhar o prestigioso prémio entre os 119 laureados de literatura desde que o primeiro Nobel foi atribuído em 1901.

No ano passado, a distinção foi atribuída a Abdulrazak Gurnah, escritor britânico nascido na Tanzânia.

Annie Ernaux trouxe a sua vida para a literatura como afirmação feminina

A escritora francesa Annie Ernaux, Nobel da Literatura 2022, recusa a classificação de "autoficção" para a sua obra, mas a autora trouxe para a escrita a sua própria vida enquanto afirmação política da mulher.

"Líder do romance social contemporâneo", foi como o jornal Le Monde a adjectivou em 2019, quando foi publicado um perfil da escritora a propósito da "descoberta" de que a sua obra estava a ser alvo no mundo anglófono, enquanto a agência francesa AFP se refere a uma "obra essencialmente autobiográfica", na qual Ernaux "produziu uma radiografia impressionante da intimidade de uma mulher que evoluiu ao longo das mudanças da sociedade francesa desde o pós-guerra".

Nascida em Lillebonne, em França, em 1940, a família de Ernaux mudou-se poucos anos depois para a zona operária de Yvetot, onde a escritora fez os estudos secundários e "encontrou

raparigas de contextos mais classe média, experienciando a vergonha do seu meio operário pela primeira vez", como se pode ler na biografia disponível numa página sobre a autora de "Uma Mulher", criada por várias especialistas universitárias na obra da francesa.

Ernaux seguiu os estudos na Universidade de Rouen e passou a dar aulas de ensino secundário a partir da década de 1970 até 2000.

O primeiro livro de Ernaux é publicado em 1974, com o título "Les Armoires Vides" ("Os Armários Vazios", em tradução livre, inédito em Portugal), uma estreia literária feita na conceituada editora Gallimard, autobiográfica e sobre o aborto que fez dez anos antes.

O facto de Ernaux - uma mulher - abordar a sua intimidade levou a que a crítica literária francesa fosse particularmente dura nas suas análises: "Era um 'leitmotif' quando as pessoas falavam dos meus livros. Viam indecência em todo o lado. Na realidade, era apenas dirigido a mulheres", disse Ernaux, que defendeu a sua escrita como "política", ao Financial Times, em 2020.

Nesse mesmo texto do jornal britânico é citado um editor parisiense, amigo de Ernaux, que lembrou que a escritora costumava ser "desprezada" enquanto uma "pequena professora da província" e "uma mulher que escrevia sobre si própria", para agora ver a perspetiva mudada: "Um pouco como Marguerite Duras, ela pode escrever uma lista das compras e toda a gente a acha espetacular".

Forte apoiante do movimento #MeToo e dos Coletes Amarelos, Ernaux, que já recusou fazer parte do júri do prémio Goncourt, rejeita o termo "autoficção" e esclarece que não é "uma escritora que se foque nas emoções".

"Ernaux está interessada na verdade da experiência, seja qual for a forma que possa adotar, e isto é o que distingue o seu trabalho da autobiografia ou do livro de memórias convencional", podia ler-se na Paris Review, em 2018.

Um ano depois, quando a BBC a entrevistou, na sequência da sua publicação no Reino Unido e da sua nomeação para o Booker Internacional, quis saber por que motivo Ernaux usava sempre a segunda pessoa do singular ou a primeira do plural, em vez do "eu", numa obra de raiz tão autobiográfica.

"Porque o que me interessa é a nossa relação com o mundo em volta", respondeu, uma relação que não se esgota numa só pessoa.

Vencedora do Prémio Renaudot, por "La Place" ("Um Lugar"), de 1984, ganhou maior relevo com "Os Anos", em 2008. Em 2017, conquistou o prémio Marguerite Yourcenar pela totalidade da sua obra. No ano seguinte, foi finalista do Booker Internacional com a tradução para inglês de "Os Anos".

## Nobel Annie Ernaux alerta para avanço de "ideologia de exclusão e abandono" na Europa

[Agência Lusa08 dez 2022 04:17](#)



Foto EPA

A escritora francesa Annie Ernaux alertou ontem para o crescimento na Europa de uma ideologia de "exclusão e abandono" de imigrantes e desfavorecidos, e considerou o seu Prémio Nobel uma "vitória coletiva" dos que desejam maior liberdade, igualdade e dignidade.

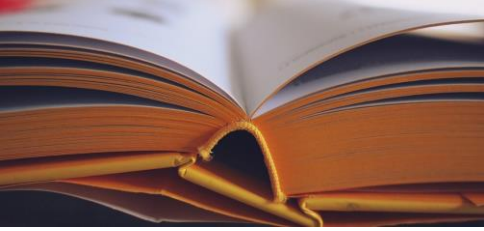
As declarações foram feitas por Annie Ernaux, de 82 anos, em Estocolmo, durante o discurso de aceitação do Prémio Nobel da Literatura, que lhe foi atribuído no dia 6 de outubro.

Defendendo que a escrita é um ato político, a autora francesa de romances como "O acontecimento", "Os Anos" ou "Uma paixão simples", fez um discurso entrelaçando a sua história pessoal, com os motivos que a levaram a escrever e com as suas ideologias.

Recordando que cresceu na geração do pós-guerra - após a Segunda Guerra Mundial -, quando escritores e intelectuais se posicionaram face às políticas francesas e se envolveram em lutas sociais, Annie Ernaux considera que no mundo de hoje, onde a multiplicidade de fontes de informação e a velocidade das imagens condicionam uma forma de indiferença, "concentrar-se na própria arte é uma tentação".

"Mas, entretanto, na Europa, uma ideologia de abandono e exclusão está em ascensão, ainda encoberta pela violência de um guerra imperialista travada pelo ditador à cabeça da Rússia, e de forma constante a ganhar terreno em países até agora democráticos. Fundada sobre a exclusão de estrangeiros e imigrantes, o abandono dos economicamente desfavorecidos, a vigilância dos





corpos das mulheres, esta ideologia requer um dever de extrema vigilância, para mim e para todos aqueles para quem o valor de um ser humano é sempre e em todo o lado o mesmo", afirmou.

Para Annie Ernaux, a atribuição do Nobel da Literatura não foi "uma vitória individual", mas sim "uma vitória coletiva", que partilha com "aqueles que, de uma forma ou de outra, esperam por maior liberdade, igualdade e dignidade para todos os seres humanos, independentemente do seu sexo ou género, da cor da sua pele e da sua cultura; e com aqueles que pensam nas futuras gerações, de salvaguarda de uma Terra, onde uns poucos sedentos de lucro a tornam cada vez menos habitável para todas as populações".

"Quanto ao fardo de salvar o planeta, destruído em grande parte pelo apetite dos poderes económicos, não pode recair, como é de rezear, sobre aqueles que já estão desamparados. O silêncio, em certos momentos da História, não é apropriado", acrescentou a escritora.

Annie Ernaux fez da sua literatura um compromisso com a defesa dos direitos dos mais desfavorecidos e das mulheres, que recordou constantemente num discurso que começou precisamente com a lembrança da promessa que fizera a si mesma há 60 anos: "Escreverei para vingar a minha raça".

Foi a partir dessa promessa e dos seus antepassados, "homens e mulheres trabalhadores acostumados a tarefas que os fizeram morrer cedo", que ganhou "força e raiva suficientes para ter o desejo e ambição de lhes dar um lugar na literatura", e para se rebelar de modo a inscrever a sua voz de mulher e de desertora social, naquilo que ainda se apresenta como um espaço de emancipação, a literatura".

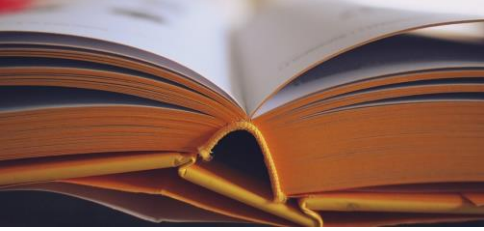
Por isso mesmo, a autora assinalou que foi assim que concebeu o seu compromisso com a escrita, que consiste em escrever não 'para' uma categoria de leitores, mas a partir 'da' sua experiência como mulher e imigrante do interior, e da sua experiência e memória mais longas, dos anos que viveu, e do presente, "um interminável fornecedor das imagens e das palavras de outros".

Este compromisso é "suportado pela crença, que se tornou uma certeza, de que um livro pode contribuir para a mudança na vida privada, ajudar a estilhaçar a solidão das experiências suportadas e reprimidas, e permitir que as pessoas se reinventem".

"Quando o indizível é trazido à luz, é político", frisou a escritora, apontando como exemplo o que se "vê hoje na revolta das mulheres que encontraram as palavras para perturbar o poder masculino, e que se levantaram, como aconteceu no Irão, contra a sua forma mais arcaica".

Mas mesmo num país democrático, como aquele a partir do qual escreve, Ernaux continua a interrogar-se "sobre o lugar que as mulheres ocupam no campo literário", considerando que "ainda não ganharam legitimidade como produtoras de obras escritas" e desejando que o reconhecimento do seu trabalho pela Academia Sueca seja um sinal de esperança para todas as escritoras, pois "há homens no mundo, incluindo nas esferas intelectuais ocidentais, para quem os livros escritos por mulheres simplesmente não existem, e nunca os citam".

Nascida em Lillebonne, na Normandia, em 1940, Annie Ernaux estudou nas universidades de Rouen e de Bordéus, sendo formada em Letras Modernas.



Começou a ler muito cedo e desde sempre se recorda dos livros como os seus companheiros e a sua ocupação natural fora da escola, recordou.

Este gosto foi-lhe inculcado pela mãe, grande leitora de romances nos momentos mortos, entre clientes, na sua loja, que preferia ter a filha a ler do que a coser e a costurar.

Ao escolher estudos literários -- contou -- elegeu manter-se dentro da literatura: "A literatura era uma espécie de continente, que eu inconscientemente coloquei em oposição ao meu ambiente social. E concebi a escrita como nada menos do que a possibilidade de transfigurar a realidade".

Annie Ernaux confessou que passou por um período inicial em que se afastou da escrita, por "situações de vida em que o peso da diferença entre a existência de uma mulher e a de um homem era profundamente sentida, numa sociedade onde os papéis eram definidos por género, onde a contraceção era proibida e a interrupção da gravidez era um crime".

Mais tarde regressou e fez desta mesma realidade a sua matéria de escrita, e do recurso ao "'Eu' -- forma masculina e feminina -- uma ferramenta exploratória para captar sensações".

Atualmente é considerada uma das vozes mais importantes da literatura francesa, destacando-se por uma escrita onde se fundem a autobiografia e a sociologia, a memória e a história dos eventos recentes.

Em Portugal, estão publicados "Os anos", "O acontecimento", "Uma paixão simples" e "Um lugar ao sol seguido de Uma mulher".